



CINE-CLUBISMO EM PORTUGAL

Por JOSÉ CARLOS DE VASCONCELOS

Ninguém pode já, hoje em dia, ignorar a importância do cinema como forma de expressão artística, semelhante à literatura, à pintura ou à música: como no dizer de EISENSTEIN, «um milagre de potencial técnico e artístico». E, assim, por exemplo, seria absurdo a quem quer pretender negar o génio desse extraordinário CHARLES CHAPLIN, sempre jovem como tudo o que é eterno.

No nosso País, porém, os «fazedores de fitas» parecem querer, teimosamente, continuar a considerar o cinema somente como uma forma de ganhar dinheiro. E de o ganhar de qualquer maneira, sem um mínimo de decência ou pudor: explorando de todos os métodos possíveis a mediocridade dum público, que quero crer em tal — vai escasseando. E lá vem o fado, a pieguice cretina, o sentimentalismo de trazer por casa, o dramazinho estúpido, o casamento feliz: todos esses ingredientes habituais que nos dão «homens do dia», «noivos das caldas», «tarzans do 5.º esquerdo» e outras fitas do género, muito semelhantes a uns miseráveis folhetins transmitidos por alguns nossos postos emissores.

Pondo de lado MANUEL DE OLIVEIRA — verdadeiramente um caso à parte, entre nós, homem de cinema dotado de invulgares qualidades e ao qual ainda se não facultaram as indispensáveis condições de trabalho para realizar obras que nos possam representar dignamente (não com o «postal turístico chamado «Rapsódia Portuguesa», ou como «pastiche» género «A Luz Vem do Alto») em qualquer parte do mundo (e perguntamos ao Fundo do Cinema: porque espera?) — o autor de «Aniki-Bobó», Douro, Faíça Fluvial», «O Pintor e a Cidade» e bastante recentemente, O «Pão», a arte das imagens em Portugal, deu-nos «Maria do Mar», «Canção da Terra» e pouco mais.

Ora, se tentarmos ver — sem miopias de qualquer espécie — quem reage contra tal estado de coisas, e luta por um autêntico «cinema português», teremos de concluir que são,

-6 JAN 1962

8 NOTICIÁRIO

Ernesto de Sousa, assistente e crítico de Cinema, acaba de terminar as filmagens do seu primeiro filme de longa metragem, «D. Roberto», filmado em regime de cooperativa. Este sistema que é ensaiado pela primeira vez em Portugal, e que tão bons resultados tem dado em diversos países, nomeadamente no Japão, será talvez o caminho correcto para uma renovação do cinema nacional. até aqui, salvo honrosas e reduzidíssimas excepções, na mão de bufarinhos e incompetentes.

De notar que a equipa de filmagens, exceptuando os técnicos, é constituída por jovens saídos na sua quase totalidade do movimento cineclubista; o próprio Ernesto de Sousa foi um dos impulsionadores do Movimento, em Portugal, não sendo nunca de mais louvar a sua acção pioneira na direcção do Cine-clube Imagem de Lisboa.

Ao nosso Amigo pessoal aqui deixamos um abraço de parabéns e de sincera esperança.

Notícias
da

FIGUEIRA

Cinema de hoje

XVI

Direcção de Santos Menano

Cooperativa do Espectador

Pela primeira vez no nosso país, o cooperativismo vai ser tentado como meio de produção cinematográfica, opondo aos compromissos e aos objectivos da especulação comercial, que têm tido uma acção decisiva no sentido de impedir a dignificação do cinema português como indústria e como expressão artística, uma «Cooperativa do Espectador», cujo apoio financeiro e moral, além de assegurar desde já a co-produção de um primeiro filme, garantirá no futuro uma eventual produção independente regular e uma perspectiva de continuidade de trabalho aos que se lançam, com dificuldades e sacrifício pessoal, nesta primeira empresa.

A realização desse primeiro filme—DOM ROBERTO—é de Ernesto de Sousa, sobre argumento de Leão Penedo, nele colaborando, a par de técnicos de larga experiência (notadamente os operadores de imagem e de som), elementos novos já com provas dadas na profissão ou de algum modo ligados ao surto que a nossa cultura cinematográfica tem registado nos últimos tempos através de cine-clubes, revistas da especialidade, imprensa diária, conferências, etc.

Ao fazer um apelo ao espectador esclarecido para apoiar um filme determinado, pede-se uma decisão baseada não em planos vagos, embora generosos, mas que julgue por si sobre um plano concreto, onde as pessoas e os métodos deverão constituir garantia suficiente quanto à seriedade do projecto. O espectador interessado no releçamento do cinema nacional pode assim contribuir efectivamente para esse releçamento, ficando todavia livre de julgar as propostas de produção de filmes orientadas nesse sentido. Com efeito, segundo os Estatutos é-lhe permitido, terminado o apuramento dos excedentes do primeiro filme e entregue a cada sócio da Cooperativa a parte que lhe couber, exercer-se da Sociedade recebendo o valor da acção ou das acções por ele liberadas, conforme o último balanço.

O capital social é variável e ilimitado e é representado por acções de 100\$00 cada, nominativas, sendo facultado aos sócios que subscreveram mais de uma acção a realização do seu capital em prestações mensais de, pelo menos, 100\$00. No entanto, aos sócios, qualquer que seja o seu capital, e como acontece em todas as Cooperativas, só compete um voto nas deliberações da Assembleia Geral. Todos os sócios são responsáveis pelo pagamento das acções com que se subscreveram, não lhe sendo exigido, em qualquer hipótese, nova subscrição de capital. Os direitos e deveres dos sócios são os habituais nas Sociedades Cooperativas, o mesmo acontecendo aos Corpos Gerentes, constituídos por Assembleia Geral, Direcção e Conselho Fiscal.

A Cooperativa do Espectador, em seguida à sua 1.ª Assembleia Geral, realizou uma sessão com filmes de amador (Vasco Branco e António Campos) destinada ao estudo das relações do cinema com a literatura portuguesa contemporânea. A sessão terminou com uma exibição dos robertos de António Dias, intitulados «Teatro Dom Roberto» — título que foi adoptado para o primeiro filme a ser co-produzido pela Cooperativa do Espectador.

Durante aquela Assembleia Geral, foram eleitas as seguintes pessoas para os Corpos Gerentes da Cooperativa: Arquitecto Vítor Palla, actor Rogério Paulo, pintor Rogério Ribeiro, Alberto Andrade (dirigente do C. C. do Porto), Dinorah de Carvalho, escritor Manuel da Fonseca, Dr. João Sá da Costa, Vasco Granja (dirigente do C. C. Imagem), Frederico Kessler, Arg. Duarte Nuno Simões (do C. O. do Centro Cultural da Cinema), Ernesto de Sousa, António Campos, actor João Guedes, dr.ª Glacina Quartim, Manuel Luis Barboza, Arg. José Borrego, jornalista José Estevão Saporites, escritor Vasco Branco.

Todos os interessados em participar na «Cooperativa do Espectador» e contribuir, portanto, para a co-produção do filme «Dom Roberto» devem preencher uma proposta e enviá-la para a sede provisória da Cooperativa, Rua do Crucifixo, 118, 3.ª Lisboa. Telef. 86409, onde se encontram todos

Para um cinema independente e novo

por Vasco Granja

Como em todos os domínios do pensamento e da expressão artística, o cinema pode considerar-se quer do ponto de vista da produção, quer do ponto de vista da cultura. Esta é a consciência e educação da sensibilidade, que permitem julgar as obras produzidas e atribuir-lhes um valor.

É sabido como em Portugal, infelizmente, a produção de filmes não só é escassa, como (salvo raríssimas excepções), enferma de uma indigência intelectual e expressiva que não permite o paralelo com qualquer das outras formas de actividade artística. Mas nos últimos tempos algo de muito importante e novo se tem verificado: o surgimento de uma cultura cinematográfica que já é necessidade popular, um princípio de organização do público, uma compreensão cada vez mais geral e uma sensibilidade cada vez mais apurada que permitem lutar contra o mau gosto, e até dar um certo relevo, mesmo comercial, à exibição de películas de qualidade até então consideradas «difíceis» pelos distribuidores e exibidores. A isto tem correspondido a atitude cada vez mais generalizada de um público que se recusa a aceitar um cinema português falho de validade intelectual, de grandeza humana, de forma e expressão elaboradas. Este público organiza-se em associações culturais de rara vitalidade (os cine-clubes, as secções de cinema das colectividades desportivas e recreativas, as associações académicas), quer ler as boas revistas de cinema, esgota os livros de cultura cinematográfica e, logicamente, só espera que lhe indiquem um caminho para apoiar uma produção nacional que ofereça garantias capazes de suscitar a sua confiança.

São estes os factos que estimularam um grupo de pessoas diversamente ligadas às mais actuaes tentativas para dignificar entre nós o cinema, a reunir os seus esforços para, com o apoio — sobretudo moral — do espectador esclarecido, iniciar uma produção cinematográfica independente e verdadeiramente nova, tanto no ponto de vista intelectual e artístico, como no que respeita aos métodos de trabalho.

Tal tentativa foi possível com a formação de uma equipa e a reunião das condições indispensáveis para a produção de um primeiro filme que se encontra já na fase preparatória. Com efeito, este filme intitulado «DOM ROBERTO», realizado por Ernesto de Sousa, segundo argumento de Leão Penedo, reveste-se das seguintes características:

1 — É produzido com um capital mínimo, o indispensável para película e material, reunido por um grupo de entusiastas com o fruto das suas próprias economias e que não faz à realização outras exigências que não sejam as de ordem artística.

2 — É realizado por uma equipa, onde se reuniram aos profissionais mais novos e conscientes a experiência de alguns dos nossos melhores técnicos. Dessa equipa fazem também parte muitos novos ligados aos movimentos cine-clubistas e às publicações de cultura cinematográfica, tendo-se aí relevado entre os elementos mais conscientes e combativos.

3 — Tanto a equipa técnica como os intérpretes trabalham sem remuneração, participando nas futuras receitas do filme. Fá-lo, na maior parte dos casos, com grande sacrifício, consciente de que essa é a única maneira de sair do círculo vicioso das contingências comerciais — as quais actuam quase sempre em nome de um público que, de facto, menosprezam.

4 — Houve ainda, ao constituir a ficha de interpretação do filme, a preocupação de revelar novos valores, dando ao mesmo tempo relevo a uma figuração natural.

5 — Está a ser feito um apelo directo ao espectador esclarecido para que apoie, sob a forma de uma ASSOCIAÇÃO COOPERATIVA DO ESPECTADOR o relevamento do cinema nacional. Esta Cooperativa constituirá assim, não só um apoio moral, como uma maneira prática de interessar o espectador na produção, proporcionando uma perspectiva de continuidade de trabalho.

A Voz da FIGUEIRA

SEMANARIO REGIONALISTA LITTERARIO E NOTICIOSO

O JORNAL DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO DA FIGUEIRA DA FOZ

Investição

Direcção de BAPTISTA-BAS

Boletim de cinema

“DOM ROBERTO” E A CARTA DE ALFORRIA

O filme que Ernesto de Sousa se propõe realizar, e de cujas linhas gerais damos notícia, noutra local desta página, é, de certa forma, o resultado de um espírito de missão que tem andado arredio dos nossos profissionais encartados pelo inoperante sindicato da especialidade. Há largos

anos que o redactor-principal da revista «Imagens» tentava realizar-se como director de filmes de fundo e sabemos, por ele próprio, de que os seus pedidos de auxílio ao Fundo do Cinema foram sempre considerados improcedentes apesar de ter sido distinguido pelo S.N.I., com o Prémio Paços Reis. O que se levanta, neste caso específico, é o da tentativa de tornar possível um cinema português, até agora impotente devido não só ao aventureirismo grassante, como à falta de seriedade intelectual e às iniquidades do Conselho Nacional de Cinema. Prova-se, uma vez mais, que não são os dinheiros procedentes do Fundo que têm impulsionado (como o determina a própria lei) a revelação de cineastas; e que (repeto-se o caso Manuel de Oliveira) aqueles a quem o departamento de cultura do Estado honrou com prémios e elogios foram logo lamentavelmente esquecidos.

A possibilidade de um cinema português válido tem sido apontada não só pelos nossos críticos e ensaístas mais cotados, como até, por escritores, fotógrafos, arquitectos e pintores. De que existe um público apto a interessar-se pelos aspectos concretos de um arte iniludivelmente ligada à cultura mais avançada, prova-nos o movimento cineclubista. E de que há, ainda, pessoas esperanças nesse resgate, onde não poder participar os velhos «crautiers» de Lumiar, é testemunhado pelo grupo que apola, financeiramente, Ernesto de Sousa.

Afigura-se-nos que esta é uma das conquistas mais assinaláveis conseguidas pelo cineclubismo, e mesmo tempo que é uma das posições mais responsáveis assumidas pelo movimento, desde que ele tomou foros de cidade. Sabemos, porque a ideia é subsequente, que a partir da altura em que se iniciarem as filmagens de «Dom Roberto» as albas de

Boletim de Cinema

(Continuação da 3.ª página)

tográfica lusitana, a característica de carta de alforria. Carta de alforria que legitimará ou não as pretensões de uma geração de elementos de cineclubista, de que Ernesto de Sousa é um dos representantes mais lúcidos. O redactor-principal da «Imagens» não enjettará, estamos certos a responsabilidade que o seu trabalho pressupõe, até porque o seu nome pertence, já, aos graus mais avançados da cultura portuguesa contemporânea. Pelo que fica dito o leitor aperceber-se-á de que «Dom Roberto» é uma das mais belas tentativas para a feitura de um filme necessariamente português. Das mais belas e das mais graves.



Ernesto de Sousa (o segundo da direita) durante a reunião na Casa da Imprensa. Na extrema esquerda, o argumentista do filme, Leão Penedo

Um filme vai ser rodado por elementos de cineclubes e com dinheiro de entusiastas

Numa reunião que teve com os jornalistas, na Casa da Imprensa, o crítico cinematográfico Ernesto de Sousa, principal animador do bloco redactorial da revista «Imagens», revelou que vai realizar um filme longo, intitulado «Dom Roberto», cujo argumento e sequência são assinados pelo escritor Leão Penedo. Exégeta dos mais advertidos, nos domínios latos da cinematografia, Ernesto de Sousa, verdadeiro autor da bela curta-metragem «O Natal na Arte Portuguesa», especificou que o filme importará em cerca de 600 contos, o indispensável para película e material, importância conseguida através do agrupamento das economias de vários entusiastas, que não fazem à realização outras exigências que não sejam as de ordem artística.

«Dom Roberto» será filmado por uma «équipe» composta pelos profissionais mais novos e conscientes e de alguns dos nossos melhores técnicos. Dessa «équipe» fazem também parte muitos novos ligados aos movimentos cineclubista e às publicações de cultura cinematográfica, tendo-se aí revelado entre os elementos mais conscientes e combativos.

«Tanto a «équipe» técnica como os intérpretes — esclareceu Ernesto de Sousa — trabalham sem remuneração, participando nas futuras receitas do filme. Fá-lo, na maior parte dos casos, com grande sacrifício, consciente de que essa é a única maneira de sair do círculo vicioso das contingências comerciais, as quais actuam, quase sempre, em nome de um público que de facto, menosprezam. Houve ainda, ao constituir a ficha de interpretação do

filme a preocupação de revelar novos valores, dando ao mesmo tempo relevo a uma figuração natural».

Assim está a ser feito um apelo directo ao espectador esclarecido para que apoie, sob a forma de uma associação cooperativa, esta primeira produção, assente em bases concretas e realistas, para o relevamento do cinema nacional. Essa cooperativa constituirá, assim, não só um apelo moral, como uma maneira prática de interessar o espectador na produção, proporcionando uma perspectiva de continuidade de trabalho àqueles que, com sacrifício e entusiasmo, se lançaram, agora, decididamente, num novo e promissor caminho do nosso cinema.

**CINEMA****A EQUIPA TÉCNICA E OS INTÉRPRETES DO FILME****"DOM ROBERTO"**

Na fase actual da constituição da equipa que vai produzir e realizar o filme "DOM ROBERTO" já se podem relevar alguns nomes e algumas das suas características mais significativas. De um modo geral, pode dizer-se que há a preocupação de associar a técnicas de larga experiência profissional (sobretudo no que diz respeito aos operadores da imagem e som) elementos novos, já com provas dadas na profissão ou, de algum modo, ligados ao surto que a cultura cinematográfica tem efectuado nos últimos tempos, entre nós: cine-clubes, revistas de cultura cinematográfica, colaboração na imprensa diária, conferências e debates, etc. Assim é o caso de: ERNESTO DE SOUSA — com provas dadas na curta-metragem, estudos e estágios no estrangeiro, e que tem sido um destacado animador cineclubista, crítico de cinema e autor de livros de divulgação cinematográfica.

ADELINO CARDOSO — que desempenhará as funções de Assistente-Geral e que junta aos seus conhecimentos de contabilista, aprofundados estudos de todos os aspectos da produção cinematográfica; crítico de cinema, co-autor de um livro de divulgação cinematográfica e jovem jornalista.

MANUEL VILLAVERDE CABRAL e MANUEL BATOREO — assistentes de realização, ambos críticos de cinema, o segundo ex-dirigente do ABC Cine-Clube de Lisboa, tendo já trabalhado como assistente de Ernesto de Sousa em diversas curtas-metragens, e LUÍS DA CUNHA ESTEVES, assistente, especialmente encarregado da fotografia de cena, animador do Centro Cultural de Cinema e um dos Organizadores do 1.º Festival do Documentário Português.

HELENA MARQUES — anotadora, tem desempenhado as funções de secretária de redacção da Revista de cultura cinematográfica IMAGEM, e trabalhando como anotadora em diversas curtas-metragens.

JOSÉ ESTEVÃO SASPORTES (jovem e dinâmico publicista, crítico de cinema e "ballet") VASCO GRANJA (dirigente do Cine-Clube Imagem e que já foi assistente de operador) e HUMBERTO BELO

O
TEMPLÁRIO

O

TEMPLÁRIO

TOMAR

Cinema

ENTREVISTA COM ERNESTO DE SOUSA

Os meios cinematográficos foram, nas últimas semanas, sacudidos por um acontecimento que não pode deixar indiferente quem considere o cinema no seu exacto lugar.

Ernesto de Sousa, jornalista e crítico de arte, acaba de dizer aos jornalistas da criação duma «Cooperativa do Espectador» destinada a fomentar a produção do filme *Dom Roberto*, segundo argumento de Leão Penedo.

A criação da Cooperativa do Espectador, de assinalado êxito em países de índole tão diversa como a França ou o Japão é uma velha ideia que há muito vem germinando no espírito dos elementos mais esclarecidos do nosso meio. Porque ela envolve talvez a única tábua de salvação para o ultra-péssimo cinema nacional, decidimos ouvir o co-realizador de «O Natal na Arte Portuguesa».

À nossa primeira pergunta, Ernesto de Sousa referiu que é urgente pôr de lado o velho conceito de um filme começar com a primeira tomada de vistas. A realização supõe todo um trabalho de meses, senão de anos, em que são devidamente ponderados todos os aspectos económicos e estéticos. *Dom Roberto* está pois em plena elaboração. As filmagens começarão em Junho e no fim de Outubro o filme estará pronto a exhibir.



— Em que consiste a Cooperativa do Espectador? Involve esta iniciativa uma ideia de continuidade?

— A Cooperativa do Espectador é, fundamentalmente, uma forma de financiamento, um meio que permite ao espectador esclarecido participar na produção dum filme cujas características lhe mereçam a confiança. O espectador tornar-se-á assim co-produtor apoiando de algum modo aqueles que dão garantias sérias de quererem relevar o cinema nacional e não de viverem largamente à sua custa. Um ponto importante dos estatutos da Cooperativa, consiste em ter estabelecido que, terminada a produção deste filme, seja possível iniciar rapidamente outra produção, contribuindo assim para profissionalizar numa base sólida a equipa que agora se reúne com as dificuldades e os sacrifícios fáceis de imaginar. Aos sócios, é, portanto, permitido exonerarem-se da Cooperativa, com reembolso total após esta primeira experiência, se ela não corresponder às suas expectativas. Trata-se assim de um sistema aberto e flexível onde cada um pode dar a sua contribuição: uma simples acção de 100\$00 (eventualmente com direito a um bilhete na estreia do filme), permitirá a todos que se têm interessado pelo relevamento do cinema nacional passar a contribuir directamente para que esse relevamento se verifique. As adesões que temos recebido provam-nos que a ideia foi compreendida e que o nosso apelo

Portas do Sol

— cultura e arte —

N.º 19

Coordenação de Hugo Paulo Rodrigues

8 **■ Não pretendo fazer uma obra-prima, não pretendo fazer beleza pela beleza: o que quiz foi provar que se pode fazer um filme honesto... e fazê-lo**

— diz-nos Ernesto de Sousa
por *Neves Águas*

Está sendo aguardado com justificado interesse o novo filme português «Dom Roberto», realizado por Ernesto de Sousa sobre texto de Leão Penedo, dois nomes que nos deram já provas da honestidade de processos com que trabalham. Esperamos, por isso, que, finalmente, «aconteça» Cinema em Portugal.

Sendo este filme possível devido à «Cooperativa do Espectador», natural é que, na entrevista que nos concedeu Ernesto de Sousa — e que muito agradecemos — começemos por querer saber alguma coisa a respeito desta iniciativa. Eis o que nos disse o nosso entrevistado:

— A ideia da «Cooperativa do Espectador» nasceu, por um lado, do conhecimento de experiências semelhantes realizadas com êxito no estrangeiro e, por outro, de se ter reconhecido a vantagem de uma certa independência financeira, como ponto de partida para a produção de um cinema de qualidade. A «Cooperativa do Espectador» é, portanto, e fundamentalmente, uma forma de financiamento, um meio

permitted exonerarem-se da «Cooperativa» com reembolso total, após esta primeira experiência, caso ela não tenha correspondido às suas esperanças. Trata-se, assim, de um sistema aberto e flexível, onde cada



Ernesto de Sousa dirigindo uma cena de «Dom Roberto» com Gláucia Quartin e Raul Solnado

um poderá dar a sua contribuição: uma simples acção de cem escudos

tos jovens do cine-clubismo das Faculdades. Entregaram-se cheios de esperança a esta nossa aventura, que, na verdade, só podia ser ambicionada e executada por jovens, em todo o sentido da palavra. Em camaradagem, em prova prática, num trabalho de profunda colaboração, e não em eixos individuais geradores de atritos, «Dom Roberto» em nada nos desiludiu, pelo contrário, enriqueceu-nos. Relativamente à parte técnica há deficiências terríveis, há dificuldades que ameaçam empobrecer quem, assim, tem de destilar a sua inspiração, a sua capacidade, através de mecanismos traiçoeiros e anacrónicos. Há anos que não se fazia um filme inteiramente sincrono em Portugal — está a ver, tivemos que arranjar tudo o necessário e fomos muito condicionados pela qualidade do material. Note, que a colaboração entre os técnicos com experiência e os jovens foi excelente. Da

15 Jul. 1937

DOM ROBERTO

o primeiro filme subsidiado pela Cooperativa do espectador!

Pela primeira vez no nosso país, o cooperativismo vai ser tentado como meio de produção cinematográfica, opondo aos compromissos e aos objetivos da especulação comercial, que têm tido uma acção decisiva no sentido de impedir a dignificação do cinema português como indústria e como expressão artística, uma «Cooperativa do Espectador», cujo apoio financeiro e moral, além de assegurar desde já a co-produção de um primeiro filme, garantirá no futuro uma eventual produção independente regular e uma perspectiva de continuidade de trabalho aos que se lançam, com dificuldades e sacrifício pessoal, nesta primeira empresa.

A realização desse primeiro filme — DOM ROBERTO — é de ERNESTO DE SOUSA, sobre argumento de Leão Penedo, nele colaborando, a par de técnicos de larga experiência (nomeadamente os operadores de imagem e de som), elementos novos já com provas dadas na profissão ou de algum modo ligados ao surto que a nossa cultura cinematográfica tem registado nos últimos tempos através de Cineclubes, revistas de especialidade, imprensa diária, confe-

admirar, e para dizer além fronteiras que em Portugal, também se faz obras que não emvergonham a Arte das Imagens, e mais ainda, para mostrar aos «Fazedores» de fitinhas portuguesas que ultimamente vimos, exemplo: Augusto Fraga apresenta «Raças», com a agravante de ser um filme subsidiado pelo Fundo de Cinema — aquilo pode-se chamar tudo, menos cinema — para olharem com olhos bem abertos, para estas obras sérias sobre o povo português, e ainda também, dado as dificuldades de toda a ordem que surgem, quando se pensa realizar uma obra séria — a principal a monetária, achega imprescindível... — um grupo de estudiosos da Sétima Arte acaba de criar uma Cooperativa do Espectador, assente em moldes do Corporativismo com a finalidade de produção de filmes.

Esta iniciativa que, não podia ter surgido em melhor altura, (dado a crise actual do pobríssimo cinema nacional), teve o melhor acolhimento nas esferas cinematográficas, melhor dinamos, pelos Cineclubes portugueses.

Dois aspectos, de importância capital, para já, nos foi possível depreender: 1.º permitir uma produção inde-

20/1/32

D. Roberto — de Ernesto de Sousa

Está para breve a estreia de «D. ROBERTO», a primeira obra de responsabilidade do nosso querido amigo Ernesto de Sousa que, segundo se consta, está sendo aguardada com possível interesse por parte de todos aqueles ligados aos assuntos cinematográficos, pois trata-se de uma obra com tema social e a sua linguagem enquadra-se perfeitamente na nova linha de trabalho esperada, do cinema nacional muito esperada, que a Ernesto de Sousa não lhe faltam qualidades de inteligência e de cultura nacional que lhe permitam fazer um filme que dignifique a Sétima Arte, e que mostre além-fronteiras, que também cá não há, existem realizadores capazes de apresentarem obras válidas e sérias que mereçam a atenção da crítica consciente.

Aguardamos pois, a estreia de D. Roberto.





A Nossa Terra

QUINZENÁRIO REGIONALISTA DA COSTA DO SOL

Propriedade do Grupo Dramático e Sportivo de Cascais

SUBDIRECTOR E ADMINISTRADOR

João Raposo dos Santos

DIRECTOR

João Martinho de Freitas

EDITOR

David Maria da Silva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: R. Marques Leal Pancada, 6, 3.º - Tel. 08 05 62 C A S C A I S

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: Tipografia Medina - Telef. 98 00 37 - SINTRA

D. ROBERTO *8* primeiro filme da Cooperativa do Espectador



Está para breve a estrela do primeiro filme produzido pela Cooperativa do Espectador: D. Roberto, realizado por Ernesto de Sousa, segundo argumento de Leão Penedo. Na gravura que apresentamos, Ernesto de Sousa dá instruções à pequenina Julieta Cardoso, que aprende a manejar um fantoche. Glicínia Quartim segue interessada a explicação.

273

ANO 12.º - 2.ª SÉRIE

31 de Março
de 1962

A

NOSSA TERRA

14 Out 1961



Entre Raul Solnado e Glicinia Quartin, os protagonistas do filme Dom Roberto, a barraca de fantoches, — a presença viva em toda a película, cuja história decorre à volta da vida de um fantocheiro.



A Nossa Terra

QUINZENÁRIO REGIONALISTA DO CONCELHO DE CASCAIS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: R. REGIMENTO 19, 4. TEL. 120475 - CASCAIS

Editor interino

David Maria da Silva

Redactor principal

J. M. da Silva Ferreira

«COOPERATIVA DO ESPECTADOR»

E criada uma sociedade cooperativa, sob a forma de sociedade cooperativa de responsabilidade limitada denominada Cooperativa do Espectador. O seu objecto immediato consiste no apoio financeiro e moral ao filme *D. Roberto*, realizado por Ernesto de Sousa segundo argumento de Leão Penedo, e, eventualmente, produzir ou apoiar a produção de outros filmes que possam contribuir também para a dignificação do cinema nacional.

Observação: ao fazer um apelo ao espectador esclarecido para apoiar um filme determinado, pede-se uma decisão baseada não em planos vagos, embora generosos, mas que julgue por si sobre um plano concreto, onde as pessoas e os métodos deverão constituir garantias suficientes quanto à seriedade do projecto. O espectador interessado no relevamento do cinema nacional pode assim contribuir efectivamente para esse relevamento, ficando, todavia, livre de julgar as propostas de produção de filmes orientadas nesse sentido. Com efeito, segundo os estatutos, é-lhe permitido, terminado o apuramento dos rendimentos do primeiro filme e entregue a cada sócio da Cooperativa a parte que lhe couber, exonerar-se da sociedade recebendo a acção ou acções por ele liberadas.

Na entanto, os estatutos estão concebidos de tal modo que se a primeira experiência tiver correspondido à confiança depositada nela pelo espectador, a Cooperativa poderá então constituir — o que se reveste ainda de um maior alcance — uma perspectiva de continuidade de trabalho para aqueles que, na maior parte dos casos com sacrificio pessoal, se lançaram num novo e promissor caminho do nosso cinema.

O capital social é variável e limitado e é representado por acções de 100\$ cada, nominativas, sendo facultado aos sócios que subscribam mais de uma acção a realização do seu capital em prestações mensais de, pelo menos, 100\$. No entanto, aos sócios, qualquer que seja o seu capital e como acontece em todas as cooperativas, só compete um voto nas deliberações da assembleia geral.

Aos sócios correspondem os direitos e deveres normais em sociedades cooperativas; o mesmo acontecendo aos corpos gerentes, constituídos por assembleia geral, direcção e conselho fiscal.

192

ANO 9.º - 2.ª SÉRIE

4 DE ABRIL DE 1969

AVENÇA

Para um cinema independente e novo

Como em todos os domínios do pensamento e da expressão artística, o cinema pode considerar-se quer do ponto de vista da produção, quer do ponto de vista da cultura. Esta é consciência e educação da sensibilidade, que permitem julgar as obras produzidas e atribuir-lhes um valor.

É sabido como em Portugal, infelizmente, a produção de filmes não só é escassa, como (salvo raríssimas excepções) enferma de uma indigência intelectual e expressiva que não permite o paralelo com qualquer das outras formas de actividade artística. Mas nos últimos tempos algo de muito importante e novo se tem verificado: o surgimento de uma cultura cinematográfica que já é necessidade popular, um princípio de organização do público, uma compreensão cada vez mais geral e uma sensibilidade cada vez mais apurada que permitem lutar contra o mau gosto e até dar um certo relevo, mesmo comercial, à exibição de películas de qualidade até então consideradas *difficéis* pelos distribuidores e exibidores. A isto tem correspondido a atitude cada vez mais generalizada de um público que se recusa a aceitar um cinema português falho de validade intelectual, de grandeza humana, de forma e expressão elaboradas. Este público organiza-se em associações culturais de rara vitalidade (os cineclubes, as secções de cinema das colectividades desportivas e recreativas, as associações académicas, etc.), quer ler as boas revistas de cinema, esgota os livros de cultura cinematográfica e, logicamente, só espera que lhe indiquem um caminho para apoiar uma produção nacional que ofereça garantias capazes de suscitar a sua confiança.

São estes os factos que estimularam um grupo de pessoas diversamente ligadas às mais actuaes tentativas para dignificar entre nós o cinema, a reunir os seus esforços para, com o apoio — sobretudo moral — do espectador esclarecido, iniciar uma produção cinematográfica independente e verdadeiramente nova, tanto do ponto de vista intelectual e artístico como no que respeita aos métodos de trabalho.

Tal tentativa foi possível, com a formação de uma equipa e a reunião das condições indispensáveis para a produção de um primeiro filme que se encontra já na fase preparatória. Com efeito, este filme intitulado *Dom Roberto*, realizado por Ernesto de Sousa, segundo argumento de Leão Penedo, reveste-se das seguintes características:

1) É produzido com um capital mínimo, o indispensável para película e material reunido por um grupo de en-

thusiastas em o facto das suas próprias economias e que não faz à realização outras exigências que não sejam as de ordem artística.

2) É realizado por uma equipa onde se reúnem, nos profissionais mais novos e conscientes a experiência de alguns dos nossos melhores técnicos. Dessa equipa fazem também parte muitos novos ligados aos movimentos cineclubistas e às publicações de cultura cinematográfica, tendo-se aí revelado entre os elementos mais conscientes e combativos.

3) Tanto a equipa técnica como os intérpretes trabalham sem remuneração, participando nas futuras receitas do filme. Fê-lo, na maior parte dos ca-

sos, com grande sacrifício, consciente de que essa é a única maneira de sair do círculo vicioso das contingências comerciais — as quais acham quase sempre em nome de um público que, de facto, menos prezam.

4) Houve ainda, ao constituir a ficha de interpretação do filme, a preocupação de revelar novos valores, dando ao mesmo tempo relevo a uma figuração natural.

5) Está a ser feito um apelo directo ao espectador esclarecido para que apoie, sob a forma de uma Cooperativa do Espectador, esta primeira produção, assente em bases concretas e realistas, para o relevamento do cinema nacional. Esta Cooperativa constituirá assim, não só um apoio moral como uma maneira prática de interessar o espectador na produção, proporcionando uma perspectiva de continuidade de trabalho àqueles que, com sacrifício e entusiasmo, se lançaram agora decididamente num novo e promissor caminho do nosso cinema.

27. AGO. 1961

CINEMA

«DOM ROBERTO» SOB A DIRECÇÃO DO REALIZADOR
Ernesto de Sousa, começou a ser rodado
num Estúdio Improvisado no Porte Brandão

Finalmente, começou a ser rodado o filme português «DOM ROBERTO», de que José Ernesto de Sousa, segundo argumento do escritor Leão Penedo, tomou a direcção.

Assim, no passado dia 20, nos «Estúdios» improvisados no antigo LAZARETO (Porto Brandão) tiveram início as primeiras filmagens, nas quais intervieram Raul Solnado (principal intérprete masculino) e Glória Quartim (principal intérprete feminina).

— Da equipa técnica além de Ernesto de Sousa, fazem parte, o «camera-man» ABEL ESCOPO, os assistentes de realização LUIS FILIPE, GONSALVES PRETO, e ANTONIO JOCOBETY, que são a bem dizer a representação do cineclubismo português, na equipa técnica.

Em todos os domínios do pensamento e da expressão artística o cinema pode considerar-se quer do ponto de vista da produção, quer do ponto de vista da cultura. Esta é consciência e educação da sensibilidade, que permitem julgar as obras produzidas, e atribuir-lhes um valor.

É sabido como em Portugal, infelizmente, a produção de filmes não só é escassa, como (salvo raríssimas excepções), informa de uma indigência intelectual

sobretudo moral — do espectador esclarecido, iniciar uma produção cinematográfica independente e verdadeiramente nova, tanto do ponto de vista intelectual e artístico, como no que respeita aos métodos de trabalho.

DOM ROBERTO, é pois o filme-esperança, do cinema nacional.

O filme além de ser uma tentativa dignificante do nosso cinema, é também a primeira produção da COOPERATIVA DO ESPECTADOR.

Produzido com um capital mínimo, o indispensável para película e material, reunido por um grupo de entusiastas com o fruto das suas próprias economias; e que não faz à realização outras exigências que não sejam as de ordem artística.

Realizado por uma equipa, onde se reuniram aos profissionais mais novos e conscientes a experiência de alguns dos nossos melhores técnicos;

Tanto a equipa técnica como os intérpretes trabalham sem remuneração, participando nas futuras receitas do filme. Fá-lo, na maior parte dos casos, com grande sacrifício, consciente de que essa é a única maneira de sair do círculo vicioso das contingências comerciais — as quais actuam quase sempre em nome de um público que, de facto, menos-

Jornal

«Dom Roberto»

1.ª longa metragem de Ernesto de Sousa

* Deve começar dentro de dias, a rotação do filme português «Dom Roberto», que terá a realização de Ernesto de Sousa, com argumento de Leão Penedo.

Será o primeiro filme, produzido pela Cooperativa do Espectador.

A interpretação está a cargo de Paulo Renato e Glicinia Quartin; e ainda de um numeroso conjunto de artistas não profissionais.

A a assinalar ainda a presença do artista de fantoches António Dias, que normalmente vimos com a sua barraca «Teatro Dom Roberto» aos Domingos na Praça da Renovação.

Irá ressurgir, desta vez, um cinema que dignifique a cultura portuguesa?

É a pergunta que nos sugere esta produção independente, apolada pelo meio intelectual português.

Tanto Ernesto Sousa como Leão Penedo, já deram provas do que podem fazer em prol de um cinema português válido.

18-6-961

de

ALMADA

O DISTRICTO

SAI ÀS TERÇAS E SEXTAS-FEIRAS

de

ANO VIII — N.º 505 — Preço \$50
19 DE MAIO DE 1959
Editor: ANTONIO CLARO

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO
ROGÉRIO PERES OLIVEIRA
OFICINAS: Rua João Elói, 110 (Tipografia RÁPIDA)

Realizador e argumentista de um novo filme português estiveram no Cine-Clube

de Setúbal

O Cine-Clube de Setúbal realizou no passado domingo a sua 40.ª sessão cinematográfica. Foi exibido o excelente filme «O Último Golpe», do realizador francês Jacques Becker, com Jean Gabin no protagonista. Fez a apresentação do filme, num improviso fácil e esclarecedor, o crítico Ernesto de Sousa, que já por diversas vezes esteve entre nós, sempre por iniciativa do Cine-Clube de Setúbal.

A tarde, na sede desta associação, reuniram-se alguns dos mais destacados animadores cine-clubistas locais com Ernesto de Sousa e com o escritor Leão Penedo, para uma troca de impressões sobre a actividade cinematográfica das entidades ali reunidas.

O Cine-Clube de Setúbal projectou os filmes de 8 m/m, «Igreja de Jesus» e «Domingo de Feira» e os primeiros «rushes» de «Cabaz Aviado», filme sobre o mercado do livramento.

Ernesto de Sousa e Leão Penedo, respectivamente realizador e argumentista do longa-metragem, em preparação, «Dom Roberto», falaram de-

pois demoradamente da sua experiência e da criação da «Cooperativa do Espectador», sociedade por accção que possibilitará a produção regular de filmes.

Saído do movimento cine-clubista nacional, de que continua a ser um dos mais dedicados propugnadores, Ernesto de Sousa conseguiu reunir um capital mínimo para a produção de «Dom Roberto» (cujas filmagens devem efectuar-se pelo próximo verão) e a colaboração de gente jovem que vem tendo pela dignificação do nosso cinema.

15/5/59

cinema



★ PÁGINA ORGANIZADA PELO CINE-CLUBE DE SETÚBAL ★

CINEMA NACIONAL

8 «Dom Roberto», o «Dom Roberto» que Leão Penedo escreveu para José Ernesto de Sousa realizar um filme português que a Crítica aguarda com expectativa pouco vulgar e no qual se depositam as melhores esperanças, está prestes a surgir. A estrela anuncia-se para Maio próximo, sabendo-se já ter sido o filme classificado para maiores de 17 anos. Entretanto, Pablo del Amo, considerada figura do cinema espanhol, esteve entre nós a trabalhar na montagem da produção, tarefa de que foi oportunamente incumbido.

A história de «Dom Roberto», vivida por João (Raul Soloado) um fantocheiro, e Maria (Glúcia Quartim), uma rapariga sem sorte, decorre nos bairros populares de Lisboa e tem como cenário as velhas ruas de Alfama e um pátio alfacinha recheado de poesia e de carácter. Filme sem tragédia, «Dom Roberto» pretende mostrar-nos um caminho de esperança, através do amor e da solidariedade que os seus personagens ilustram.

Anuncia-se como de rara sensibilidade poética a música e letras das canções, respectivamente da autoria de Alexandre O'Neill e Armando Santiago. A este último pertencem igualmente os solos dos personagens principais, o coro instrumental e o restante fundo musical.

Produzido numa base despida de comercialismo que tanto tem afectado o cinema português, o filme de Ernesto de Sousa é uma promessa de melhores dias. Veremos até que ponto essa promessa se cumprirá.

★★★★★★★★★★★★

cinema



* PÁGINA ORGANIZADA PELO CIAE-CLUBE DE SETUBAL

a e os interpretes

"Dom Roberto"

(da 4.ª página)

de associar a técnica e a experiência produzida no que diz respeito aos operadores de imagens e aos elementos novos, já adquiridos na profissão, a um modo ligado ao pensamento e da expressão artística, o cinema pode considerar-se quer do ponto de vista da produção, quer do ponto de vista da cultura. Esta é a consciência da educação da sensibilidade, que nos permite julgar as obras produzidas e atribuir-lhes um valor. É sabido como em Portugal, felizmente, a produção de filmes não só é escassa, como (salvo raras excepções), enferma de uma indigência intelectual e de uma pressiva que não permite o paralelo com qualquer das outras formas de actividade artística.

Interpretes de «Dom Roberto» foram os nomes de Olga da Fonseca, Abando e Glicínia, cujo talento e constituição uma grande quanto aos resul-

Para um cinema independente e nacional

Como em todos os domínios de pensamento e da expressão artística, o cinema pode considerar-se quer do ponto de vista da produção, quer do ponto de vista da cultura. Esta é a consciência da educação da sensibilidade, que nos permite julgar as obras produzidas e atribuir-lhes um valor. É sabido como em Portugal, felizmente, a produção de filmes não só é escassa, como (salvo raras excepções), enferma de uma indigência intelectual e de uma pressiva que não permite o paralelo com qualquer das outras formas de actividade artística.



Interpretou um papel neste filme, do por Cotinelli Telmo.

Mas nos últimos tempos algo de muito importante e novo se tem verificado: o surgimento de uma cultura cinematográfica que já é necessidade popular, um princípio de organização do público, uma compreensão cada vez mais geral e uma sensibilidade cada vez mais apurada que permitem lutar contra o mau gosto, e até dar um certo relevo, mesmo comercial, à exibição de películas de qualidade até então consideradas *difficets* pelos distribuidores e exibidores. A isto tem correspondido a atitude cada vez mais generalizada de um público que se recusa a aceitar um cinema português falho de validade intelectual, de grandeza humana, de forma e expressão elaboradas. Este público organiza-se em associações culturais de rara vitalidade (os cine-clubes, as secções de cinema das colectividades desportivas e recreativas, as associações académicas), quer ler as boas revistas de cinema, esgota os livros de cultura cinematográfica e, logicamente, só espera que lhe indiquem um caminho para apoiar uma produção nacional que ofereça garantias capazes de suscitar a sua confiança.

São estes os factos que estimularam um grupo de pessoas diversamente ligadas às mais

actuantes tentativas para fazer entre nós o cinema, a fazer os seus esforços para, com o apoio — sobretudo moral — do espectador esclarecido, fazer uma produção cinematográfica independente e verdadeiramente nova, tanto do ponto de vista intelectual e artístico, como do respeito aos métodos de trabalho.

Tal tentativa foi possível graças à formação de uma equipa reunida das condições indispensáveis para a produção de um primeiro filme que se encontra já na fase preparatória. Com este filme intitulado «Dom Roberto», realizado por Ernesto Sousa, segundo argumenta Leão Penedo, reveste-se de características absolutamente novas que podem conduzir o cinema nacional para uma caminhada que ardentemente se deseja.

A equipa técnica e os intérpretes do filme «Dom Roberto»

Na fase actual da construção da equipa que vai produzir o filme «Dom Roberto» se podem relevar alguns nomes e algumas das suas características mais significativas. No modo geral, pode dizer-se

(Continua na 3.ª página)

SETUBALENSE

João d'Almeida

de Combatentes
130 — SETUBAL
única entre
1800A - SETUBAL

* PÁGINA ORGANIZADA PELO CIAE-CLUBE DE SETUBAL *

Cooperativismo e Cinema

Pela primeira vez no nosso País, o cooperativismo vai ser tentado como meio de produção cinematográfica, opondo aos compromissos e aos objectivos da especulação comercial, que têm tido uma acção decisiva no sentido de impedir a dignificação do cinema português como indústria e como expressão artística, uma «Cooperativa do Espectador», cu-

jo apoio financeiro e moral, além de assegurar desde já a co-produção de um primeiro filme, garantirá no futuro uma continuidade de trabalho aos que se lançam com dificuldades e sacrifício pessoal, nesta primeira empresa.

A Cooperativa do Espectador reúne os espectadores interessados na dignificação do cinema nacional, os quais podem dessa forma dar uma contribuição concreta nesse sentido. O capital social, variável e ilimitado, é representado por acções nominativas de 100\$00 cada. A cada sócio é permitido exonerar-se da sociedade uma vez terminado o primeiro ano de apuramento dos excedentes de cada filme produzido ou co-produzido pela Cooperativa, recebendo (além do respectivo dividendo) o que lhe couber pelas acções por ele lteradas.

Assiste-se assim entre nós a uma experiência que, tentada no estrangeiro desde há muito e tendo revelado já as perspectivas que pode abrir à solução de problemas decisivos da produção cinematográfica, representa um aproveitamento das possibilidades do cooperativismo num dos domínios particulares em que este pode ter uma acção mais salutar.

Reveste-se, assim, de particular interesse o primeiro caso português de Cooperativa de Espectadores, e aguardam-se os resultados dessa experiência, inédita entre nós.

Como já aqui foi dito, o pri-

cinema

SETUBALENSE

SETUBALENSE

Para um cinema novo e independente

ERNESTO DE SOUSA

FALOU-NOS DO «DOM ROBERTO» E DA COOPERATIVA DO ESPECTADOR

O crítico e cineasta Ernesto de Sousa esteve há pouco tempo entre nós, a convite do Clube de Campismo de Setúbal, em cuja sede orientou, perante grande e entusiástica assistência e com a sua conhecida habilidade, um colóquio sobre artes plásticas. Fim da esta sessão, acompanhámos Ernesto de Sousa por alguns momentos e, como não podia deixar de ser, fizemos incidir a conversa sobre cinema em geral e, particularmente sobre a realização do filme «Dom Roberto», possibilitado pela criação da Cooperativa do Espectador.

Soubemos, assim, da fase actual dos trabalhos daquela produção, nascida do entusiasmo de meia dúzia e em que se pretende participem todos quantos estão interessados no ressurgimento do cinema nacional, através da cooperativa para o efeito fundada. O argumento de «Dom Roberto» tem sido objecto de tratamento aturado; a elaboração dos diálogos, trabalho que não terminou ainda, tem preocupado sobremaneira os responsáveis, que querem dar-lhe uma feição natural, de forma a que eles saiam com fluência da boca das personagens que os sustentam.

Aliás, segundo nos confiou Ernesto de Sousa, prevê-se que se dará aos actores uma certa liberdade no diálogo, isto é, aquilo que eles dizem poderá, embora naturalmente mantendo a ideia dos autores, divergir formalmente do escrito original, pretendendo-se com esta «elasticidade» tornar o diálogo mais verdadeiro e espontâneo. Este facto levanta logo de entrada graves problemas para a captação de som; esta terá de ser feita na altura da tomada de vistas, o que se reveste de grande dificuldade, dado que a acção se desenrolará normalmente em cenários naturais, com o inconveniente dos mil ruídos prejudiciais a um bom registo de som.

— Então... e a respeito de actores? — indagámos do nosso interlocutor.

— Contamos já com a adesão de um grupo de valorosos jovens actores do teatro experimental e, o que é também importante, com a de alguns actores profissionais, dos bons e dedicados que ainda existem no nosso teatro.

Como se estava fazendo tarde, achámos por bem «libertar» Ernesto de Sousa da nossa presença. Antes de o fazermos, ainda quisemos saber para quando se previa o início das filmagens.

— Suponho que este Outono poderemos rodar boa parte do filme. Há ainda muitos problemas a resolver; e há, sobretudo, que se promover a angariação de mais sócios para a Cooperativa do Espectador.

9-9-961

"SUPLEMENTO"

Ernesto de Sousa

filma «D. ROBERTO»

Foi iniciada recentemente, em Paço de Brandão, as filmagens de «Dom Roberto». O espírito de equipa e de boa vontade tem estado sempre presente na primeira película que, em Portugal se deve a uma Cooperativa de Espectadores.

A realização é de Ernesto de Sousa, o argumento do escritor Leão Penedo e o principal papel desempenhado pelo actor Raúl Solnado.

Sem dinheiro, a primeira produção cinematográfica da Cooperativa do Espectador está seguindo o seu rumo. Mas o trabalho e a vontade estão conseguindo a concretização de «D. Roberto».

A responsabilidade da equipa, é bastante grande. O resultado terá de marcar um passo na história do cinema português pois daí resulta mesmo a continuidade da própria cooperativa.

Badalada's

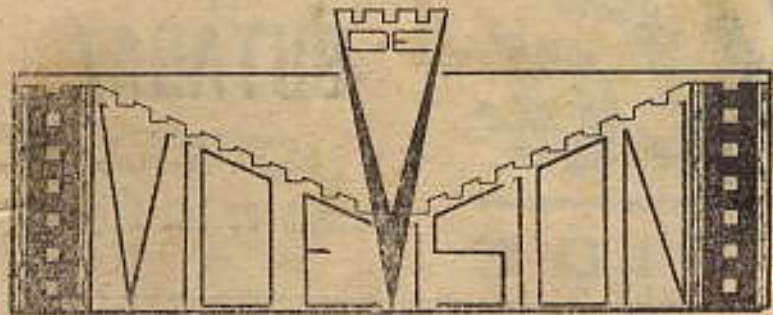
O SEMANÁRIO DO OESTE DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

Secretário da Redacção:
JOSÉ DA COSTA

Director, Proprietário e Editor:
P. JOAQUIM MARIA DE SOUSA

Publica-se nos Sábados
Preço Avulso, 1\$50
(AVENÇA)

Redacção, Administração e Oficinas: Gráfica Torriana - Sucursal da «Luz e Progresso, Lda.»
Rua da Abril. 29 e 31 Telef. 174 (Red. Largo da Graça, 6-1.ª Tel. 640) - Torres Vedras



O filme «DOM ROBERTO»

8
O filme «Dom Roberto» cujas filmagens se iniciaram no verão passado em Porto Brandão, criando no público uma viva expectativa, tem os seus trabalhos de laboratório quase concluídos, o que significa ser para breve a sua apresentação a público.

Pablo del Amo, técnico espanhol, que se deslocou especialmente até Portugal para proceder à montagem do filme, está a terminar os seus trabalhos. Estes têm decorrido num ritmo intenso e num ambiente de interesse e carinho pela nova película portuguesa.

As misturas finais do som estão a cargo do operador de som Heliodoro Pires, sendo feitos nos Estúdios do Nacional Filmes.

«Dom Roberto», feito numa base despida de todo o comercialismo e, por isso mesmo, sem estar manietado por compromissos de espécie alguma, desenrola-se nos bairros populares de Lisboa, tendo como cenário as velhas ruas de Alfama e um pátio lisboeta cheio de poesia e de carácter.

Os protagonistas, João, um fantocheiro, figura típica das ruas da capital e Maria, uma rapariga desprotegida e batida pela infelicidade, encontram através do amor que surge entre eles e da solidariedade dos habitantes do pátio, um caminho em que se fortalecem na luta pela vida e que talvez se pudesse denominar o caminho da esperança. Filme sem tragédia e em certas passagens ao gosto dos romances pícaros, é, principalmente, a ternura e a compreensão humana o que dele transcende.

Encarregam-se daqueles dois papéis o actor Raúl Solnado e a actriz-amadora Glicínia Quartim. O primeiro deu à interpretação da figura todo o seu talento de comediante pelo que ela resulta cheia de vida e verdade; a segunda, já com uma bela carreira quer dentro do teatro moderno quer no de feição clássica, revela-se agora no cinema uma actriz de recursos extraordinários.

Chegou a altura de falarmos da música e das canções do novo filme. A letra das suas canções deve-se à grande sensibilidade poética de Alexandre O'Neill e a sua música ao jovem e talentoso compositor Armando Santiago. De resto, os dois solos indicativos dos personagens principais, o coro instrumental constituído por trompas e timbales, bem como o restante fundo musical também são da autoria daquele musicista.

A Cooperativa do Espectador, que vê os seus objectivos realizados com a concretização deste filme dirigido por Ernesto de Sousa, sobre argumento de Leão Penedo, já tem em projecto a realização de um novo argumento após a estreia de «Dom Roberto», para que o ritmo da sua actividade se não quebre e se crie um lar-

8 O FILME PORTUGUÊS «D. ROBERTO»

As filmagens de «Dom Roberto», iniciadas em COIMBRA, onde foram filmados os interiores, estão presentemente a decorrer em LISBOA, num pátio. Espera-se que «Dom Roberto» seja muito valorizado nos seus elementos humanos, visto Ernesto de Sousa estar a aproveitar para a figuração popular, muitos dos actores do patto, que se tem revelado optimos colaboradores.

Costa Ferreira, o actor e dramaturgo tão conhecido de todos, deu também o seu concurso a este filme, encarregando-se de um papel em que vinca admiravelmente a sua personalidade.

O segundo filme a produzir pela «Cooperativa do Espectador», espera-se que entre em rodagem logo após a conclusão de «Dom Roberto».

Para cumprimento do programa pré-estabelecido pela «Cooperativa do Espectador» que se propõe fomentar uma produção continua e regular. Ernesto de Sousa, após a conclusão de «Dom Roberto» e enquanto se roda o segundo filme daquela Cooperativa, começara a escrever um argumento que toca aspectos de trabalho da vida lisboeta.

A VOZ DE LULA

1. OUT. 1961

«DOM ROBERTO»

Iniciou-se dia 21/8, a rodagem do filme «Dom Roberto», produzido pela Cooperativa do Espectador, e realizado por Ernesto de Sousa, segundo argumento de Leão Penedo. A equipa técnica é constituída por profissionais de larga experiência e por elementos novos, saídos do movimento cineclubista. A fotografia está confiada a Abel Escoto, que neste filme faz também a sua estreia como director de imagem. O som é da competência de Augusto Lopes, que construiu uma aparelhagem especial para as filmagens, as quais decorrem todas em decor natural. A caracterização está entregue a Agutar de Oliveira e a montagem a Pablo del Arno. Entre os restantes técnicos especialistas de larga experiência, alguns com mais de trinta anos de profissão.

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO

Composto e impresso na
TIPOGRAFIA UNIÃO
Rua Teófilo Valadim, 30-1.º Esq.
Telefone 154

F A R O

DIRECTOR
JAIME GUERREIRO R

PROPAGANDA REGIONALISTA



Raul Solnado durante um «texto» do «D. ROBERTO».

15. MAR. 1962

“D. Roberto”

6
pode ser o que se
espera há anos:

**Um verdadeiro filme
português!**

Segundo informações que chegaram até nós, é já este mês que se estreia o novo filme português *D. Roberto*, numa realização do cineclubista José Ernesto de Sousa, e o 1.º duma série deles, que a «Cooperativa do Espectador» se propõe produzir. Como principais intérpretes teremos Raul Solnado e Glicinia Quartim.

planície

Quinzenário Cultural Regionalista — Director e editor Domingos Janeiro — Secretário da redacção Manuel Correia
Administrador José F. Barão — Propriedade da «Arucitana, Lda.»
Redacção, administração e oficinas Rua do Poço N.º 3-A — MOURA

Por um verdadeiro cinema português

Perguntámos a ERNESTO DE SOUSA

José Ernesto de Sousa é um apaixonado, um batalhador constante das belas coisas do cinema. O seu nome aparece ligado aos primeiros passos do Cine-Clube Imagem, bem como da revista de nome homónimo, antiga daquele clube, à ensaística, à crítica, à realização cinematográfica. Uma excelente prova da sua cultura e visão das coisas de cinema — o documentário «Natal da Arte Portuguesa». No estrangeiro, em centros de estudo ou contactando com nomes representativos da cinematografia europeia Ernesto de Sousa tornou-se um dos homens mais esclarecidos, uma das vozes mais autorizadas do nosso meio cinematográfico.

Desejoso de fazer sair do impasse em que está o nosso cinema, lançou entre nós as bases da «Cooperativa do Espectador», oferecendo a todos os que estão interessados num cinema novo português de ajudarem o seu nascimento.

A «Cooperativa do Espectador» é constituída por um fundo de acções, a partir de cem escudos, podendo cada accionista entrar com número limitado. Realizado o filme os lucros serão distribuídos proporcionalmente. O filme será realizado em condições excepcionais: artistas e técnicos trabalharão na sua feitura gratuitamente. Uma obra a amparar pelos que estão verdadeiramente interessados num autêntico cinema português. Mas demos a palavra a Ernesto de Sousa, obreiro devotado deste belo empreendimento.

**O que é o «DOM ROBERTO»?
É a «Cooperativa do Espectador»? Quais as suas intenções?**

Antes de mais nada o projecto de realização deste filme, resultou de um encontro. Encontro entre as pessoas que vão tornar possível a realização do filme, entre mim e o autor do argumento, Leão Penedo, encontro de uma equipa de entusiastas — todos conscientes da necessidade de uma renovação nos quadros e nas intenções do cinema português. Mas esse encontro não foi devido ao acaso. Durante muitos anos temos trabalhado uns e outros pelo cinema português, muitas horas se perderam, muitos projectos tiveram que ser adiados, muitas esperanças logradas. A própria ideia da formação de uma Cooperativa para a produção de filmes, é o resultado de experiências anteriores, de estudos aturados. Foi precisamente numa série de reuniões e Assembleias para o estudo da fórmula cooperativa, que melhor conheci o autor do argumento e foi nesse período já recuado que conheci o próprio argumento. Este correspondia a algumas das coisas que mais me interessariam em cinema: um meio popular, um aprofundamento do conhecimento dos outros, e mais do que tudo isto, uma possibilidade de procurar a

poesia onde ela pode ser mais inesperada e onde é menos considerada — no povo.

O nosso «DOM ROBERTO» é um homem de fantoches, um verdadeiro artista que se ignora. Um homem cujos problemas quotidianos, por mais humildes que pareçam, revestem na realidade uma dramática grandeza.

Como realizar tudo isto? Como reunir os elementos necessários para levar a cabo esta possibilidade de exprimir através de meios cinematográficos, exclusivamente nossos, problemas, pessoas, sentimentos, assim marcados pela autenticidade? Tem sido essa a nossa luta, o nosso trabalho. Conseguir uma base financeira mínima, aliciar entusiasmos e fazer crer aos mais cépticos que é sempre possível fazer recuar a fronteira do impossível. Esse trabalho está em curso, e ainda não podemos gritar vitória. O dinheiro reunido pela «Cine-Produtora Independente» (em formação) chega apenas para película, laboratório e material; a «Cooperativa do Espectador» virá preencher algumas lacunas, sem que todavia se possa pensar na remuneração antecipada da equipa e dos intérpretes; na equipa, terão que predominar os elementos jovens e a inexperiência é um facto a ter em conta, que não nos

(Continua na página 6)

1-12-59-

Por um verdadeiro cinema português

(Continuado da página 4)

assustará e de que procuraremos até tirar partido. O entusiasmo e a convicção constituem a nossa maior força. A nossa matéria prima.

Podemos portanto reunir as nossas intenções:

Realizar um filme interessante e verdadeiro, aceitável pelo público, embora com poucos recursos materiais.

Provar assim que um cinema válido é possível, sem prejuízo material e com possibilidades de continuidade.

Provar que é necessário dar um lugar aos jovens, renovar os quadros profissionais do cinema português.

Apelar para o público, e verificar assim os resultados do movimento cineclubista na compreensão dos problemas do nosso cinema.

Qual a maneira como foi recebido?

Descontadas as dificuldades que sempre surgem nesta terra quando se quer fazer alguma coisa de positivo, e que são mínimas neste caso, posso dizer que o acolhimento geral tem sido muito favorável e até lisonjeiro. Os Cine-Clubes, sobretudo fora de Lisboa, apoiaram abertamente a nossa iniciativa, as propostas para sócio, da «Cooperativa do Espectador» chegam todos os dias. Temos recebido cartas onde uma inestimável simpatia e apoio se manifestam. Relevarei em particular a atitude de alguns dos nossos melhores actores que quiseram expressamente manifestar a sua confiança, e a esperança de que este seja um passo válido para o cinema português. Este carinho e esta confiança aumentam, se possível, a nossa responsabilidade. Contamos com eles, contamos sobretudo com um aumento de interesse pela «Cooperativa do Espectador» que se continuará a ser apoiada e continuará a aumentar o número de adesões, poderá vir a ser uma fórmula promissora do futuro. Há naturalmente aqueles que esperam pelos resultados para se pronunciarem... é uma

podemos atingir resultados positivos, e realizar um filme que possa inclusivamente ser apreciado, e explorado comercialmente, fora do país. É isso que pretendemos.

A maior dificuldade depois é manter unida uma equipa cuja remuneração só se poderá efectivar depois do filme concluído. Ainda aqui, a confiança e o apoio de todos, e o nosso entusiasmo, terão que ser as respostas a estas dificuldades.



Uma cena do filme «D. ROBERTO»,
de ERNESTO DE SOUSA

PANORAMICA

Uma Cooperativa do Espectador

As coisas continuam mal no Cinema Português, mesmo depois de «O Homem do Dia», «A Luz Vem do Alto» e «Costureirinha da Sé» que nada trouxeram de novo no capítulo da dignificação dos temas nem da valorização cinematográfica do nosso cinema. Os nossos homens de cinema continuam de costas para as realidades da vida portuguesa, teimando num Cinema de folhetim barato e a realidade ambiente idem, idem. E depois querem que o público corresponda. Como, se ele nada encontra no que se passa na tela que com ele se identifique.

Numa reacção a este estado de coisas surge uma iniciativa interessante: a Cooperativa do Espectador. A frente dela, dois homens que inspiram confiança de trabalho sério e de alguma coisa de novo se vir a fazer — Ernesto de Sousa, crítico cinematográfico a quem o movimento cine-clubista muito deve, e o escritor Leão Penedo. O tema do filme é deste último. O primeiro irá realizá-lo.

Que se propõe a Cooperativa do Espectador? Realizar um filme com as acções do público. O capital social é variável e ilimitado, representado por acções de 100 escudos. Qualquer um de nós pode adquirir o número de acções que quiser, bastando para tanto escrever para a Rua do Crucifixo, 116 3.º — Lisboa — Telefone 20502. É a primeira